

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte Journal do Brasil Class.: 21
 Data 24 de março de 1989 Pg.: 7

Balbina terá reserva ecológica para melhorar imagem

BRASÍLIA — A Eletronorte levou ao pé da letra a recomendação do Banco Mundial de que uma boa política econômica também significa uma boa política ecológica. Depois de alagar 2.360 km² de florestas para a construção do reservatório da hidrelétrica de Balbina, matando parte da flora e da fauna, além de provocar desequilíbrio do meio ambiente, a empresa pretende resgatar sua abalada imagem diante da opinião pública internacional — e dos credores — construindo uma reserva ecológica e uma área de preservação ambiental de 8.700 km² em torno de Balbina.

Críticos da obra acham que a reserva visa proteger não a natureza agredida, mas, sobretudo, o próprio reservatório da erosão e do assoreamento (aterro). O deputado Fábio Feldmann (PSDB/SP) acredita que muito mais do que evitar o assoreamento do reservatório "o governo esteja utilizando o projeto ecológico de Balbina como fogos de artifício de uma política ambientalista que nunca existiu". Segundo o deputado, os projetos ecológicos da Eletronorte têm outros objetivos: "Os técnicos querem conter o desmatamento que provocaram, cujo prejuízo é irreversível, e garantir a captação de recursos para projetos de militarização na região amazônica."

"Não há dúvida de que a construção da área de preservação evita o assoreamento do reservatório, provocado pela erosão, mas em meio ambiente não podemos trabalhar com fatores isolados. Tudo se relaciona", explica o gerente do Departamento de Estudos de Efeitos Ambientais da Eletronorte, Edmundo Antonio Pereira.

Segundo Pereira, a Eletronorte está realizando um trabalho sensível às ponderações dos ecologistas. Provas disso são a não introdução de peixes exóticos no reservatório, a oferta de germoplasmas de várias espécies vegetais aos bancos de conservação de todo o mundo, a formação de um orquidário e a assistência às comunidades indígenas waimiri-atroaris atingidas pela obra.

"Não podemos negar que a hidrelétrica provocou um grande impacto ambiental. Certamente algumas espécies animais e vegetais devem ter sido perdidas nesse movimento, mas é impossível conter o desenvolvimento tecnológico que a região exige. Dentro desta perspectiva, as árvores que foram submersas com o alagamento, começam a ser exploradas agora, com uma nova técnica de aproveitamento da madeira encharcada", afirma Pereira.

A Eletronorte, que inundou 2.400 km² de floresta em Tucuruí, no Pará, em 1985, e repetiu o procedimento em Balbina, em 1987, virou um alvo de iradas críticas dos ecologistas, no Brasil e no mundo.

Ecóloga acha iniciativa merecedora de aplausos

Apesar de todos os erros cometidos pela Eletronorte durante a construção da hidrelétrica de Balbina, a implantação de uma área de preservação ambiental de 870 mil hectares em torno do reservatório "merece o aplauso da sociedade", garante a ecóloga e presidente da Fundação de Apoio à Natureza (Funatura), Maria Tereza Jorge Pádua.

"Foi tão grosseiro tudo o que aconteceu em Balbina que essa iniciativa da Eletronorte só pode merecer o elogio da população", afirmou.

A Funatura, uma entidade de pesquisa que reúne ecologistas e estudiosos de todo o país, foi um dos canais de protesto contra os erros cometidos em Balbina, como a inundação da mata virgem, acabando com a flora e a fauna e o deslocamento de populações indígenas. No entanto, os militantes da organização reconhecem que a área de preservação, "caso seja realmente implantada, garantirá a manutenção de uma grande diversidade genética".

Apesar do aplauso à iniciativa, Maria Tereza acusa a Eletronorte de produzir a energia mais cara do país, registrando a pior conversão de hectare por megawatt gerado, a um custo de 4,08 dólares o megawatt. "Um custo tão elevado não justifica a construção da hidrelétrica, nem a forma como foi feita".